

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

**Acesso e aceitação da pessoa idosa em centros especializados: Uma
análise da integração da pessoa idosa em dois centros em Maputo**

Autora: Arsénia António Fumo

Supervisor: Emídio Gune

Maputo, Outubro de 2017

Acesso e aceitação da pessoa idosa em centros especializados: Uma análise da integração da pessoa idosa em dois centros em Maputo

Trabalho de Culminação de Estudos na Modalidade de Projecto de Pesquisa em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane

Autora

Arsénia António Fumo

O Supervisor

Presidente

Oponente

Maputo, Outubro de 2017

Declaração de originalidade

Declaro que este relatório de pesquisa é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente para a obtenção de qualquer grau académico.

Arsénia António Fumo

Maputo, Outubro de 2017

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu pai (em memória),
António Tomé Fumo,
à minha avó paterna (em memória),
Maria António Magaia,
à minha mãe,
Otilia António Zivane
aos meus pais (tios)
Abel Paulo Langa e Angelina Tomé Fumo,
pois sem eles não teria conhecido o valor da escola.

Agradecimentos

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por proporcionar-me saúde. Um agradecimento sincero ao meu orientador Emídio Gune pela partilha do saber, disponibilidade, paciência e inteira dedicação na orientação deste estudo.

Aos docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia pelos ensinamentos transmitidos durante os quatro anos e por terem contribuído para um conhecimento antropológico.

Aos meus colegas de turma de Antropologia 2013 Pós-Laboral, principalmente os do meu grupo de estudo, Constância Nhampule, Esmeralda Sive, Cândida Timóteo, Nélia Viage, Bélio Bembele, Orlando Moiane, Vanda Mateus e João Chambisso pela colaboração e esclarecimento de dúvidas. Em especial ao Diolindo da Luz Pedro, Imíldo Bernardo Vilanculos e Américo Zandamela pela cooperação.

À minha mãe biológica Otilia António pelo apoio moral e confiança. Ao meu pai Abel Langa por acreditar em mim e por fazer-me acreditar, obrigada por estar presente em todos os momentos em que mais precisei, pelo apoio o que tornou possível a minha licenciatura. A minha mãe Angelina Fumo pela educação e o apoio que dá e por fazer-me a pessoa que sou hoje.

Ao meu filho Shelton pela paciência que teve nos dias em que eu voltava tarde da faculdade. Aos meus irmãos Eclídio, Celma, Cármen, Marivânia e Cátia pelo apoio moral e por me aturarem em momentos de *stress*. A toda família em especial a minha prima Tânia pelo apoio e disponibilidade.

Agradeço aos idosos e aos funcionários dos centros por terem permitido a realização deste estudo, pois só foi possível graças a sua participação. Igualmente agradeço a todos que não foram citados, que directa ou indirectamente contribuíram para que este trabalho se tornasse uma realidade, vai o meu sincero agradecimento.

A todos, o meu muito obrigado!

Resumo

No presente estudo analiso o processo de integração da pessoa idosa no Centro de Apoio à Velhice de Lhanguene e no Lar Nossa Senhora dos Desamparados, na cidade de Maputo. Da literatura analisada identifiquei duas abordagens, uma que defende que a integração da pessoa idosa nos centros de apoio à velhice resulta da falta de cuidados familiares e à vulnerabilidade. A outra abordagem defende a integração da pessoa idosa como autónoma para escolher onde e com quem viver e partilhar suas experiências com pessoas da mesma faixa etária em busca de novas amizades.

A literatura analisada permite compreender que a pessoa idosa depende de cuidados familiares e que a sua integração nos centros de apoio à velhice depende da decisão dos seus familiares ou da sua decisão para integrar-se nos centros de apoio, por acreditar que nos centros de apoio à velhice encontra pessoas com quem poderá partilhar suas experiências e vivências mais a vontade. Entretanto, a literatura perde de vista outras estratégias de integração que podem ser usadas.

Diante das limitações que a literatura apresenta, realizei uma pesquisa etnográfica com um grupo de idosos residentes no Centro de Apoio à Velhice (CAV) de Lhanguene e no Lar Nossa Senhora dos Desamparados na cidade de Maputo. Os resultados desta pesquisa permitem compreender que de acordo com as regras em vigor nas instituições visitadas, as mesmas só recebem pessoas idosas em situação de vulnerabilidade e desprovidas de cuidados familiares. Alguns idosos cientes dessa informação, chegados ao centro alegam maus tratos pelas suas famílias, abandono e falta de condições de sobrevivência, mesmo quando essa informação seja falsa. Outros porém são aceites por caberem nos requisitos exigidos pelo centro para a sua integração.

Palavras-chave: Acesso, aceitação, integração e pessoa idosa.

Índice

Declaração de originalidade.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Resumo	iv
1. Introdução.....	1
2. Revisão da Literatura.....	3
3. Enquadramento teórico e conceptual.....	7
3.1. Enquadramento teórico	7
3.2. Conceptualização	7
4. Procedimentos metodológicos	10
4.1. Etapas da pesquisa	10
4.2. Processo de recolha de dados.....	10
4.3. Técnica de registo, tratamento e análise de dados	11
4.4. Constrangimentos no processo de recolha de dados.....	11
5. Integração da pessoa idosa no centro de apoio à velhice	12
5.1. Localização e caracterização dos locais de pesquisa	12
5.2. Perfil dos participantes do estudo	15
5.3. A vida dos participantes antes do centro.....	15
5.4. Estratégias de acesso e aceitação nos centros de apoio à velhice	21
5.5. Convivência dos participantes nos centros de apoio à velhice	28
6. Considerações Finais	31
Referências.....	33

1. Introdução

No presente estudo analiso o processo de integração da pessoa idosa no Centro de Apoio à Velhice de Lhanguene (CAV-Lhanguene) e no Lar Nossa Senhora dos Desamparados, na Cidade de Maputo.

O meu interesse por este assunto resulta do facto de ser funcionária do Ministério do Género, Criança e Acção Social (MGCAS), e estar a trabalhar na secretaria da Direcção do Género, Criança e Acção Social da Cidade de Maputo, onde dão entrada relatórios relacionados com a pessoa idosa, referindo-se ao abandono e maus tratos por parte dos seus familiares. Por outro lado conversava com os idosos que eram levados até à Direcção pela polícia. Nessas conversas diziam que eram expulsos das suas casas pelos seus familiares por acusação de feitiçaria.

Diante destes factos, interessei-me em analisar o processo de integração da pessoa idosa e o relacionamento destes com os profissionais do CAV. Para tal, conversei com os idosos sobre o seu quotidiano e analisei relatórios do Serviço Distrital do Género, Criança e Acção Social do distrito Municipal de KaMaxaquene na cidade de Maputo.

Da literatura analisada identifiquei duas abordagens, uma que defende que a integração da pessoa idosa nos centros de apoio à velhice é consequência da falta de cuidados familiares e à vulnerabilidade dos referidos idosos (Herédia *et al* 2004; Salgueiro e Lopes 2010) e a outra que defende que a integração da pessoa idosa nos centros de apoio à velhice resulta da sua autonomia para escolher onde e com quem viver e partilhar suas experiências com pessoas da mesma faixa etária e ainda a busca de novas amizades (Bessa e Silva 2008; Perlini *et al* 2007).

Do geral da literatura analisada compreendi que a pessoa idosa é autónoma na tomada de decisão para a sua integração no centro de apoio, por acreditar que nos centros de apoio à velhice encontra pessoas com quem poderá partilhar suas experiências e vivências mais a vontade, a pessoa idosa depende de cuidados familiares e que a sua integração nos centros de apoio à velhice depende da decisão dos seus familiares. Entretanto, a literatura perde de vista outras estratégias de integração nos centros de apoio à velhice.

Para melhor compreender outras formas de integração da pessoa idosa nos centros de apoio, realizei uma pesquisa etnográfica com um grupo de idosos residentes no CAV-Lhanguene e no Lar Nossa Senhora dos Desamparados na cidade de Maputo.

Os resultados desta pesquisa permitem compreender que de acordo com as regras em vigor nas instituições visitadas, as mesmas só recebem pessoas idosas em situação de vulnerabilidade e desprovidas de cuidados familiares. Alguns idosos cientes dessa informação, chegados ao centro alegam maus tratos pelas suas famílias, abandono e falta de condições de sobrevivência, mesmo quando essa informação seja falsa. Outros porém são aceites por caberem nos requisitos exigidos pelo centro para a sua integração.

Os resultados do presente estudo podem contribuir para alargar o debate sobre o desenho de políticas, estratégias e acções para protecção da pessoa idosa, que confirmam maior dignidade das mesmas.

O presente estudo está organizado em seis partes. Na primeira parte apresento a introdução do trabalho. Na segunda parte apresento a revisão da literatura. Nesta parte do trabalho mostro as principais linhas de reflexão sobre o assunto e as temáticas que aqui abordo. Na terceira parte apresento o enquadramento teórico e conceptual.

Na quarta parte descrevo os procedimentos metodológicos, na qual apresento as etapas da pesquisa, o processo de recolha, registo e análise de dados e os constrangimentos. Na quinta parte apresento a integração da pessoa idosa no centro de apoio à velhice onde faço a caracterização e localização dos locais de pesquisa, apresento o perfil dos participantes do estudo e analiso os resultados da pesquisa e na sexta parte apresento as considerações finais.

2. Revisão da Literatura

Da literatura analisada sobre a integração da pessoa idosa nos centros de apoio identifiquei duas abordagens, uma que defende que a integração da pessoa idosa no CAV está relacionada à falta de cuidados familiares e à vulnerabilidade (Herédia *et al* 2004; Salgueiro e Lopes 2010). A outra abordagem defende a integração da pessoa idosa nos centros de apoio à velhice como pessoa autónoma para escolher onde e com quem viver e partilhar suas experiências com pessoas da mesma faixa etária e a busca de novas amizades (Bessa e Silva 2008; Perlini *et al* 2007).

Os autores que subscrevem a primeira abordagem são Herédia *et al* (2004). De acordo com Herédia *et al* (2004) em algumas sociedades, a inserção da mulher no mercado de trabalho cria obstáculos para a manutenção do idoso no seu convívio familiar, o que condiciona que a família leve o idoso para o centro de apoio, porque dentro da família a mulher que antes desempenhava o papel de cuidadora dos filhos e dos idosos ausenta-se para desempenhar actividades laborais no emprego.

A explicação de Herédia *et al* (2004) permitem compreender que em algumas sociedades o cuidado das pessoas idosas é incumbido à mulher e, a sua ausência no seio familiar devido a entrada no mercado do emprego condiciona a falta de alguém para cuidar dos idosos e por isso, a família acaba por levar o idoso para o centro de apoio à velhice. Entretanto, esta explicação perde de vista casos de idosos que chegaram ao centro de apoio à velhice, sozinhos devido a conflitos familiares.

Concordando em parte com Herédia *et al* (2004), Martins *et al* (2007) referem que a integração da pessoa idosa nos centros de acolhimento está relacionada a problemas familiares entre o idoso e a sua família. Martins *et al* (2007) explicam que a divergência de ideias e conflitos entre os familiares com o idoso devido a dependência do idoso em relação a seus familiares cria em algumas famílias momentos de turbulência e isso condiciona que os familiares do idoso levem-no para o centro.

A explicação de Martins *et al* (2007) permite compreender que a pessoa idosa é levada aos centros de apoio à velhice pelos seus familiares devido aos conflitos que sucedem pela divergência de ideias.

Com uma explicação similar a de Martins *et al* (2007), Salgueiro e Lopes (2010) afirmam que a integração da pessoa idosa é feita por um dos parentes, mesmo que este parente seja do terceiro grau. Os autores referem ainda que a integração da pessoa idosa está relacionada à falta de um cuidador dentro da família.

A explicação de Salgueiro e Lopes (2010) permite compreender que a integração da pessoa idosa acontece devido a falta de um cuidador dentro da família por isso que os parentes acabam levando o idoso para o centro de apoio à velhice. Entretanto, esta explicação perde de vista outros factores que conduzem a família a levar o idoso para o centro de apoio à velhice.

Corroborando parcialmente com Salgueiro e Lopes (2010), Tomasini e Alves (2007) afirmam que a integração da pessoa idosa está relacionada à questões políticas, sociais e económicas como é o caso da pobreza por exemplo. Tomasini e Alves (2007) referem que a pobreza influencia a família a levar o idoso para os centros de apoio à velhice, quando percebe que não possui mais condições para manter o sustento e outros cuidados ao idoso.

A explicação de Tomasini e Alves (2007) permite compreender a influência da pobreza da família na integração do idoso nos centros de acolhimento, entretanto esta explicação perde de vista a vulnerabilidade do idoso.

A primeira abordagem, se por um lado, permite compreender que a integração da pessoa idosa no centro de apoio à velhice está relacionada à falta de um cuidador familiar e por ser vulnerável, a segunda abordagem permite compreender que a integração da pessoa idosa nos centros de apoio à velhice é uma escolha autónoma de onde e com quem viver e partilhar suas experiências com pessoas da mesma faixa etária e a busca de novas amizades. Entretanto, a primeira abordagem ao assumir esses factores de integração como universais, perde de vista outros factores de integração de forma autónoma e de partilha de experiências.

Os autores que subscrevem a segunda abordagem são Perlini *et al* (2007), para estes a opção por residir no CAV parte da pessoa idosa. O idoso procura um local no qual encontre atenção e especial atendimento às suas necessidades. Esta explicação permite compreender que a pessoa idosa é autónoma para escolher onde e com quem quer viver. Entretanto, esta explicação perde de vista experiências de idosos que chegaram ao centro de apoio à velhice acompanhados por vizinhos e outras pessoas que não sejam dos seus agregados familiares.

Com uma explicação diferente da de Perlini *et al* (2007), Bessa e Silva (2008) afirmam que a integração da pessoa idosa nos centros de apoio decorre da solidão causada pela saída dos seus familiares para outros lugares e das perdas de seus progenitores. Segundo os autores estas situações condicionam que a pessoa idosa procure os centros de apoio à velhice para encontrarem especial atendimento e conviverem com outras pessoas.

A explicação de Bessa e Silva (2008) permite compreender que a pessoa idosa procura o centro de apoio por sentir-se isolada. Entretanto, esta explicação deixa de lado casos de idosos que saem de casa para os centros de apoio à velhice com intuito de criar novas amizades.

Com uma posição similar a de Bessa e Silva (2008), Wichmann *et al* (2013) afirmam que o centro de acolhimento tem um ambiente que possibilita fazer novas e boas amizades e partilha de experiências com pessoas da mesma faixa etária, assim como romper com o quotidiano das tarefas do lar e das obrigações com os filhos e netos. A velhice é uma fase em que os idosos adquirem conhecimentos e disfrutam de liberdade durante essa fase da vida.

A explicação de Wichmann *et al* (2013) permite compreender que a pessoa idosa tem o centro de apoio como um espaço de criação de novas amizades o que possibilita trocar experiências com pessoas da mesma faixa etária. Entretanto esta explicação perde de vista a questão da recuperação da visibilidade perdida pelo idoso no seio da família.

Com uma explicação similar as de Wichmann *et al* (2013), Araújo *et al* (2006) referem que o idoso recorre aos centros de apoio para recuperar a visibilidade rompida na família. Chega uma fase da vida em que a família olha para o idoso como uma pessoa de deveres reduzidos, sendo

que suas obrigações são apenas permanecer com os filhos e netos sem poder cumprir com parte de suas vontades. Esta explicação permite compreender que o idoso recupera no centro de apoio à velhice sua visibilidade e a sua liberdade.

A segunda abordagem, se por um lado permite compreender que alguns idosos têm o centro como o espaço de busca da autonomia, de partilha de experiências com pessoas da mesma faixa etária, por outro lado fica por compreender as estratégias da sua integração a partir das estruturas do bairro e dos técnicos da acção social.

Uchôa (2003) apresenta contribuições da antropologia relativas a saúde da pessoa idosa, refere que o envelhecimento é um fenómeno universal que gera problemas comuns, mas que podem ser vividos e resolvidos de formas diferentes em função das culturas. A sobrevivência da pessoa idosa depende das estratégias adaptativas utilizadas e da articulação entre as suas capacidades e os recursos do meio.

No geral, a literatura analisada permite compreender que a pessoa idosa depende de cuidados familiares e que a sua integração nos centros de apoio à velhice depende da decisão dos seus familiares ou da sua decisão para integrar-se no centro de apoio, por acreditar que nos centros de apoio à velhice encontra pessoas com quem poderá partilhar suas experiências e vivências mais a vontade. Entretanto, a literatura perde de vista outras estratégias de integração que podem ser usadas pelos idosos para aceder aos centros.

3. Enquadramento teórico e conceptual

3.1. Enquadramento teórico

Para este estudo faço união entre as teorias de Perlini *et al* (2007) e de Wichmann *et al* (2013). Perlini *et al* (2007) referem que a ideia de residir em um centro de apoio à velhice parte da pessoa idosa que procura um local no qual encontre atenção, conforto e especial atendimento às suas necessidades.

Wichmann *et al* (2013) afirmam que o centro de acolhimento tem um ambiente que possibilita fazer novas e boas amizades e partilha de experiências com pessoas da mesma faixa etária, assim como romper com o quotidiano das tarefas do lar e das obrigações com os filhos e netos.

Estas teorias permitem explicar que alguns idosos do CAV- Lhanguene e Lar Nossa Senhora dos Desamparados decidem de forma autónoma integrar-se nos centros de apoio à velhice e os outros foram conduzidos por outras pessoas. Sua integração tem o intuito de suprir suas necessidades materiais causadas pela falta de condições e também pela busca de convivência com pessoas da mesma faixa etária e com experiências de vida do seu nível.

3.2. Conceptualização

No presente estudo uso os conceitos de acesso, aceitação, integração e pessoa idosa.

Acesso

O acesso é o ingresso, o caminho ou o acto de chegar ou de se aproximar (Dicionário Priberam 2013). Neste estudo uso o conceito de acesso para designar a estratégia usada pela pessoa idosa para o ingresso nos centros de apoio à velhice.

Aceitação

É a faculdade pela qual uma pessoa admite outro indivíduo, animal, objecto, pensamento ou acção de maneira voluntária (Dicionário Priberam 2013). Uso o conceito de aceitação para designar a autoridade que os centros de apoio à velhice têm para integrar a pessoa idosa.

Integração

É a adaptação de uma pessoa a um grupo ou a um contexto social maior “Meus dicionários”. Este conceito permite compreender que os idosos que vão aos centros de apoio à velhice adaptam-se aos grupos que lá encontram dentro do contexto social que é o lar de acolhimento.

Com uma explicação similar a de “Meus dicionários”, a Infopédia (2016) define integração como acto ou efeito de integrar-se, inclusão de novos elementos num conjunto formando um todo. Este conceito permite compreender que os idosos quando entram nos centros de apoio à velhice compõem um conjunto já existente formando um todo.

Neste estudo, uso o conceito de integração adoptado pelo “Meus dicionários” para designar o processo de adaptação dos idosos, a uma nova vida nos centros de apoio à velhice.

Pessoa idosa

De acordo com o estabelecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) é considerado idoso, todo homem ou mulher acima de 60, anos para países em desenvolvimento ou acima de 65 anos para países desenvolvidos. Esta definição permite compreender que o termo pessoa idosa varia de acordo com o contexto socioeconómico, nos países desenvolvidos tem uma definição distinta dos países em desenvolvimento.

Com uma definição complementar a da OMS, o Governo de Moçambique considera pessoa idosa todo indivíduo maior de 55 anos de idade, sendo do sexo feminino, e maior de 60 anos de idade, sendo do sexo masculino. Esta definição permite compreender que a definição de pessoa idosa é cunhada sob ponto de vista cronológico. Este conceito perde de vista outras variáveis subjectivas.

Com uma definição parcialmente similar a da OMS e do Governo de Moçambique, o portal de extensão define pessoa idosa como aquela que está no último ciclo de vida que independentemente das condições de vida e hábitos de vida pode vir acompanhado de perdas psicomotoras, sociais e culturais. Esta definição permite compreender que a pessoa idosa

independentemente do género é acompanhada de perdas psicomotoras, sociais e culturais, que a experiência de ser pessoa idosa para além de ser cronológica é também subjectiva.

Neste estudo adopto o conceito de pessoa idosa para referir-me a todo o indivíduo do sexo feminino maior de 55 anos de idade e todo o indivíduo do sexo masculino maior de 60 anos de idade e que se enquadra no contexto moçambicano. Conforme o estabelecido pelo governo de Moçambique.

4. Procedimentos metodológicos

Nesta parte apresento as etapas da pesquisa, o processo de recolha de dados e as técnicas usadas para a realização deste trabalho.

4.1. Etapas da pesquisa

Esta pesquisa é exploratória e obedeceu três fases, sendo que a primeira foi a recolha e registo de dados no CAV- Lhanguene e no Lar Nossa senhora dos Desamparados. Submeti uma credencial na Direcção do Género, Criança e Acção Social que foi aprovada depois de quinze dias. Enquanto esperava a autorização da credencial por parte da Direcção do Género, Criança e Acção Social, fui autorizada pela directora do Centro de Apoio à Velhice a realizar o trabalho de observação.

No processo, conversei também com dois secretários de bairro, sendo um da Urbanização e outro de Malanga e dois chefes de quarteirão n°22 do bairro da Urbanização e quarteirão n°10 do bairro das Mahotas.

A segunda fase foi a de recolha de dados bibliográficos e documentais sobre a pessoa idosa, na biblioteca Central Brazão Mazula, na biblioteca do Ministério do Género, Criança e Acção Social e em outras bibliotecas digitais. A terceira fase foi de tratamento e análise de dados.

4.2. Processo de recolha de dados

Realizei a recolha de dados no período de Março a Outubro de 2016 e Junho de 2017. Costumava visitar o centro no período da manhã e da tarde. No período da manhã, visitava o centro das 9:00 as 12:00 horas, e no período da tarde das 13:00 as 15:30 horas.

Chegado no centro, apresentei-me como estudante do curso de Antropologia na UEM e que pretendia fazer recolha de dados para o meu trabalho de final do curso. Para recolher dados realizei uma observação directa no CAV- Lhanguene e no Lar Nossa Senhora dos desamparados e conversas informais com os idosos que lá moram, com dois funcionários e com a directora do centro.

A observação directa consistiu em observar as actividades quotidianas dos idosos dentro do centro, a maneira como eles se relacionam e a sua relação com os funcionários. Essa actividade consistiu também em ouvir as conversas dentro do recinto. A observação permitiu-me ter acesso ao quotidiano dos idosos, as conversas por eles partilhadas entre eles e com os funcionários e as suas experiências em relação a sua estadia no centro.

Durante as conversas informais procurei saber do nome do idoso, idade, proveniência, como chegou ao centro, qual era a sua experiência em morar no centro, se tinha família e caso dissesse que tem procurava saber se tinha conhecimento de onde a mesma se encontra.

4.3. Técnica de registo, tratamento e análise de dados

Para o registo, tratamento e análise de dados, uso nomes fictícios para garantir a integridade dos participantes da pesquisa. Durante a pesquisa registei os dados obtidos por meio de conversas e aspectos observados num caderno de notas. Esta técnica permitiu-me uma maior proximidade a pessoa idosa que encontra-se no centro que mostravam interesse em fornecer a informação.

Concluídos os registos das conversas com os idosos, funcionários dos centros, a directora do centro de apoio à velhice, do lar Nossa Senhora dos Desamparados e com os representantes dos bairros e quarteirões, organizava as notas tendo em conta os fenómenos observados.

No processo de análise de dados e com base nos aspectos comuns, criei títulos que organizei em três secções nomeadamente, a vida dos participantes antes do centro, estratégias de acesso e aceitação nos centros de apoio à velhice e a convivência dos participantes nos centros de apoio à velhice.

4.4. Constrangimentos no processo de recolha de dados

Durante a realização do trabalho tive a dificuldade de encontrar as pessoas com as quais os idosos viviam antes de serem integrados no centro, esta situação fez com que me limitasse apenas nas informações dos próprios idosos. Para minimizar este constrangimento, para além de conversar com os idosos, conversei também com os antigos vizinhos dos idosos e os responsáveis do bairro.

5. Integração da pessoa idosa no centro de apoio à velhice

Nesta parte do trabalho apresento a localização e caracterização dos locais de pesquisa, apresento os dados em três secções. Na primeira secção apresento a vida dos participantes antes do centro, na segunda secção apresento as estratégias de acesso e aceitação e na terceira secção apresento a convivência dos participantes no centro.

5.1. Localização e caracterização dos locais de pesquisa

Nesta parte apresento os locais onde realizei a pesquisa. O primeiro local é o CAV Lhanguene e o segundo é o Lar Nossa Senhora dos Desamparados na Cidade de Maputo.

5.1.1. CAV - Lhanguene

O CAV -Lhanguene está localizado na cidade de Maputo no Bairro da Malanga, casa n° 119, do quarteirão n° 1. A sul faz fronteira com os CFM, a Norte a Av. OUA, a Oeste Armazéns Mega e a Este o Hospital Geral José Macamo.

O CAV-Lhanguene tem dois aposentos, um masculino e um feminino. O masculino tem um refeitório para os idosos, o gabinete da Directora do centro, dois gabinetes de técnicos da Acção Social, uma copa usada por alguns técnicos e a directora, uma sala de estar, sete quartos e no recinto tem alguns bancos feitos de pedra. No aposento feminino tem uma sala usada como refeitório para os funcionários, um gabinete técnico, uma sala de estar, tem 10 quartos, uma varanda, machamba e um aviário.

Neste momento o Centro tem a capacidade de albergar 50 idosos divididos por dois edifícios, sendo masculino e feminino com 17 trabalhadores, que fazem parte do pessoal de apoio, três técnicos formados em Acção Social, um Auxiliar Administrativo e uma Directora que responde pelo Centro.

O centro funciona no regime interno que neste momento tem 15 idosos e 17 idosas, o que totaliza 32 idosos. Para além de idosos, o centro alberga também crianças perdidas, vindas de várias províncias do País, a procura dos seus familiares ou por maus tratos nas famílias, e como refúgio vão a cidade a procura de melhores condições de vida.

Fig. 1: Fotografia aérea do CAV- Lhanguene



Fonte: Arsénia Fumo, adaptado de Google maps, 02/08/17

5.1.2. Lar Nossa Senhora dos Desamparados

O Lar Nossa Senhora dos Desamparados está localizado no bairro de Maxaquene “C”, ao longo da Avenida da Malhangalene. A esquerda do lar tem o círculo do Bairro e a direita uma loja.

O referido lar tem um muro pintado de creme e um portão com cerca de 3 metros de altura. Na entrada tem um jardim e mais a frente, a esquerda uma casa do tipo 2 e uma varanda. Em frente da casa tem outro portão de 2 metros de altura seguido de um edifício de um piso, com uma placa em cima, onde está escrito Lar Nossa senhora dos Desamparados.

Do lado direito do edifício tem uma capela e uma árvore em frente. Do lado direito da capela tem um jardim com algumas mangueiras e em frente do referido jardim tem uma casa com uma placa escrita Casa Santa Marta, na entrada. Do outro lado do edifício tem um jardim com um corredor

no meio que dá acesso ao refeitório. A direita do refeitório tem uma placa onde está escrito pavilhão de homens e do lado esquerdo tem uma placa que está escrito pavilhão das mulheres.

Na altura da pesquisa o lar tinha capacidade para acolher 72 idosos divididos por dois pavilhões. No pavilhão dos homens tinha duas salas com sofás e um televisor, 12 quartos, cada um com três camas, uma rouparia e um posto médico. No pavilhão das mulheres tinha duas salas com sofás e algumas cadeiras, 12 quartos cada um com três camas, uma rouparia e um posto médico. No lar tem uma lavandaria e uma cozinha, um espaço chamado parque com três quartos.

No parque ficam alguns idosos que conseguem deslocar-se por si próprios e fazem actividades artesanais, cozem, tecem, pilam amendoim e milho. Tem também um pomar e uma machamba onde produzem couve, alface, tomate, pimenta, cenoura e piri-piri e tem um espaço onde criam porcos, patos e galinhas.

Fig. 2: Fotografia aérea do Lar Nossa Senhora dos Desamparados



Fonte: Arsénia Fumo, adaptado de Google maps, 02/08/17

5.2. Perfil dos participantes do estudo

Na tabela abaixo apresento o perfil dos participantes do estudo

Participantes	Idade	Naturalidade	Estado Civil	N° de Filhos	Anos de estadia no centro	Proveniência
Rosa	65	Inhambane	Solteira	0	2	CAV -Lhanguene
Constância	63	Maputo	Divorciada	2 (1 faleceu)	4	CAV -Lhanguene
Jorge	63	Maputo	Solteiro	0	4	CAV -Lhanguene
Ginoca	65	Maputo	Solteira	0	1	CAV -Lhanguene
Ana	89	Gaza	Viúva	0	11	CAV -Lhanguene
Carlos	70	Maputo	Viúvo	8(3 faleceram)	1	CAV -Lhanguene
Chico	56	Quelimane	Viúvo	5	11	Lar – N.S.desamp.
Tigo	73	Beira	Solteiro	7(2 faleceram)	6	Lar – N.S.desamp.
Armando	64	Manhiça	Solteiro	0	3	Lar – N.S.desamp.
Tina	77	Gaza	Viúva	1 (faleceu)	1	Lar – N.S.desamp.

Participaram deste estudo 10 pessoas idosas, com idades compreendidas entre os 56 e os 89 anos, do sexo masculino e feminino. Participaram também os chefes dos quarteirões, o secretário do bairro e os funcionários dos centros. Os participantes deste estudo são provenientes da zona sul e centro do país, residentes no Centro de Apoio à Velhice de Lhanguene e no Lar Nossa Senhora dos Desamparados na Cidade de Maputo, no distrito Municipal Kalhamankulo e de KaMaxaquene respectivamente.

5.3. A vida dos participantes antes do centro

Na presente secção analiso a vida dos participantes antes da sua chegada no CAV- Lhanguene e no Lar Nossa Senhora dos Desamparados, onde cada participante conta da sua historia de vida. Relativamente ao histórico familiar de cada participante, abaixo apresento as informações colhidas sobre a vivência antes da sua integração no centro.

Uma das participantes referiu o seguinte:

“Nasci em Inhambane, Inharrime, vivia com os meus tios, anos depois eles morreram e passei a viver numa família onde trabalhava como empregada doméstica e babá dos filhos do casal que me acolheram durante 10 anos mas, quando a família saiu de Inharrime para África do Sul

vendeu a casa e eu não tinha onde morar, daí vim a Maputo” (Rosa, 65anos de idade, moradora do centro a 2 anos, conversa informal, 26.08.2016).

A explicação de Rosa permite compreender que nasceu em Inharrime, vivia com os tios. Quando perdeu os tios passou a viver com uma família onde trabalhava como empregada doméstica. Tempo depois a família que acolheu-a vendeu a casa e foi para a África do Sul, a Rosa veio para Maputo. Esta explicação limita-se em apresentar a parte inicial e a parte final do trajecto até o centro pelo que abre um espaço para duvidar da veracidade do discurso e do motivo da procura do centro.

Dando seguimento a colheita da informação a participante Constância disse:

“Nasci aqui em Maputo na Bela Vista vivia com os meus pais e irmãos, tempo depois eles perderam a vida. Tive o meu primeiro filho aos 29 anos de idade. Quando tinha 35 anos de idade fui viver com meu marido no bairro da Urbanização, com quem tive 2 filhos. Passado algum tempo ele saiu de casa e foi viver com outra mulher. Os meus filhos foram trabalhar na África do Sul, e um deles perdeu a vida lá, e o outro nunca mais tive informação dele e passado algum tempo adoeci e a minha casa desabou” (Constância, 63 anos de idade, moradora do centro a 4 anos, conversa informal, 26.08.2016).

A explicação da Constância faz-me perceber que ela nasceu na Bela Vista e vivia com os pais e os irmãos mas que com o passar do tempo perderam a vida. Quando casou passou a viver com o marido e os seus filhos no bairro da Urbanização. Depois os filhos foram trabalhar na África do Sul e o marido saiu de casa e foi viver com outra mulher após os seus filhos viajarem para África do Sul, passado algum tempo um deles perdeu a vida. Tempo depois a casa desabou num momento em que ela encontrava-se doente.

Na busca da informação, contactei também a estrutura da administração do bairro, assim um dos chefes de quarteirão referiu o seguinte:

“Quando o marido da Constância separou-se dela foi viver com uma outra mulher no bairro de Maxaquene e de seguida vendeu uma parte da casa e ela ficou apenas com um espaço onde

estava a casa dela que veio a desabar. A idosa era atendida pelos vizinhos, e por mim” (avó Celina, chefe do quarteirão nº 10 do bairro da urbanização, conversa informal, 30.08.2016).

Da explicação da avó Celina constata-se, que quando a Constância separou-se do marido esteve sob cuidados dos vizinhos e da chefe do quarteirão depois que a casa desabou, mas antes o marido vendeu uma parte da casa e foi viver com outra mulher.

O Jorge deu a conhecer o seguinte:

“Nasci aqui em Maputo e vivia com minha mãe, ainda criança fomos viver em Gaza com o meu Mabizweni¹. Após o falecimento da minha mãe voltei para Maputo com ele, nessa altura tinha 35 anos de idade, vivíamos numa casa arrendada, anos depois ele faleceu e fiquei sem ninguém. Passei a carregar sacos no mercado Malanga e no final do dia ia dormir na varanda do círculo do bairro da Malanga” (Jorge, 63 anos de idade, morador do centro a 4 anos, conversa informal, 26.08.2016).

A explicação do Jorge permite compreender que ele nasceu em Maputo e depois foi para Gaza onde vivia com a mãe e o avô. Após o falecimento destes passou a trabalhar como estivador no mercado Malanga e dormia na varanda do círculo. Esta explicação deixa lacuna pelo facto de apresentar o avô do participante como seu cuidador com 35 anos de idade, dessa forma percebo que a explicação é duvidosa.

O secretário do bairro por sua vez pronunciou-se nos seguintes termos:

“O Jorge apareceu aqui no bairro, e frequentava uma casa de venda de bebidas alcoólicas como uphutso², xidangwana³ e ximovana⁴ que ele consumia. No final do dia ele dormia debaixo de uma árvore aqui mesmo em frente ao círculo e passamos a cuidar dele” (Abílio, Secretário do bairro da Malanga, conversa informal, 12.09.2016).

¹Mabizweni é um termo em Changana que designa chará.

²Uphutso é uma bebida caseira produzida com base em arroz fermentado

³Xidangwana é uma bebida caseira produzida com base no farelo de milho

⁴Ximovana é uma bebida caseira produzida com base na cana-de-açúcar

A explicação de Abílio faz-me entender que o Jorge consumia bebidas alcoólicas numa casa próxima ao mercado e no final do dia dormia debaixo de uma árvore em frente ao círculo.

Por sua vez a participante Ginoca informou:

“Nasci em Inhaca, e vivia com os meus irmãos já falecidos. Depois casei e vim a Maputo com o meu marido, que veio a conhecer outra mulher e, me mandou embora de casa. Quando saí de casa onde morava com ele, procurei um sítio para viver, onde encontrei uma família que precisava de alguém para velar pelo espaço e disponibilizei-me. Enquanto morava e trabalhava para a referida família, capinava em outros terrenos vizinhos e recebia um valor para satisfazer as minhas necessidades. Trabalhei como empregada doméstica, no bairro de Xipamanine, na Vila da Manhiça, no bairro CMC e Romão onde saí por ter sido acusada de roubo” (Ginoca, 65 anos de idade, moradora do centro a 1 ano, conversa informal, 26.08.2016).

Face ao dito pela Ginoca depreende-se que ela nasceu em Inhaca onde vivia com os irmãos. Casou-se e veio a Maputo com o marido e com o passar do tempo separaram-se. Uma família cedeu a ela um espaço para zelar. Tempo depois trabalhou como empregada doméstica no bairro de Xipamanine, na vila da Manhiça, no bairro CMC e Romão, e na última família onde trabalhou foi expulsa depois de ter sido acusada de roubo ficou sem emprego e abrigo.

Dando continuidade a busca de informação conversei com a participante identificada no fim do trecho abaixo, tendo dito o seguinte:

“Nasci em Xai-xai, disseram-me que minha mãe perdeu a vida após o meu nascimento. Meu pai pediu a minha avó materna em Inhambane para viver comigo. Quando cresci, uma das minhas tias que morava connosco, disse que precisavam de alguém para trabalhar numa casa, mas percebi que era para casar com o um senhor que ela conhecia, daí voltei para Xai-xai para viver com o meu pai e ele deu-me dinheiro para ir a Maputo viver com a minha tia paterna (...). Quando cheguei em Maputo, depois de um tempo casei e trabalhei na fábrica de castanha de cajú e não recebia, por isso deixei e fui trabalhar como empregada doméstica. Com o passar do tempo a minha patroa já não tinha dinheiro para pagar-me e deixei de trabalhar” (Ana, 89 anos de idade, moradora do centro a 11 anos, conversa informal, 26.08.2016).

Claramente nota-se que Ana nasceu em Xai-xai e cresceu em Inhambane onde vivia com a avó e as tias. Veio a Maputo onde trabalhou primeiro na fábrica de castanha de cajú e depois como empregada doméstica, mas teve que deixar de trabalhar porque a patroa já não tinha dinheiro para paga-la.

Este participante deu a conhecer o seguinte:

“Sou daqui de Maputo, nasci em Marracuene. A minha mãe faleceu quando eu ainda era criança e depois fui morar com Kokwana⁵ na Manhiça. Cresci e queria casar uma moça e não tinha dinheiro, por isso fui a África do Sul trabalhar, quando regresssei a moça já estava casada com outro. Voltei para a África do Sul, onde conheci uma mulher “ndau” e vim com ela para Maputo, morávamos no bairro das Mahotas e tivemos 8 filhos. Depois que a minha esposa faleceu os meus filhos viajaram e fiquei sozinho, eu era camionista até a altura em que sofri um acidente que afectou o meu braço e as pernas” (Carlos, 84 anos de idade, morador do centro a um ano, conversa informal, 26.08.2016).

A explicação de Carlos permite compreender que ele nasceu em Marracuene. Quando a mãe faleceu foi viver com a avó na Manhiça e mais tarde foi a África do Sul trabalhar, começou a trabalhar e voltou a Maputo com uma mulher para casar. Aqui em Maputo trabalhou como camionista até a altura em que sofreu acidente e ficou paralítico nos membros inferiores e no braço esquerdo.

Por sua vez, o participante Chico pronunciou-se dizendo o seguinte:

“Nasci em Quelimane, vivia com meus pais e meus irmãos, mas com o passar do tempo perderam a vida. Vim a Maputo após ter cumprido o serviço militar obrigatório onde conheci a minha esposa e fomos viver no Bairro da Mafalala. Depois trabalhei nos Caminhos de Ferro de Moçambique (CFM) como engatador de máquinas. Quando a minha esposa faleceu eu estava cego e sentia-me solitário, pois não fazia mais nada e vivia da minha reforma.” (Chico, 56 anos de idade, morador do lar a 11 anos, conversa informal, 07.06.2017)

⁵Kokwana é um termo em ronga que significa mãe da mãe (avó)

Da explicação do Chico depreende-se que ele nasceu em Quelimane onde vivia com seus pais e irmãos, veio a Maputo e trabalhou nos CFM, vivia com a esposa e após o falecimento da esposa ele sentiu-se solitário, por não estar a fazer nada se não ficar a espera do valor mensal da sua reforma para o sustento próprio.

Conversando com o participante Tigo, revelou o seguinte:

“Nasci na Beira no distrito de Machanga, vivia com os meus pais e meus irmãos, dos quais dois perderam a vida. Na Beira trabalhava como empregado do balcão de papelaria e como dactilógrafo. Depois fui a Inhambane para trabalhar como professor isso na era colonial, com o passar do tempo fui a África do Sul trabalhar nas minas, um tempo depois voltei para Beira no Governo de transição. Depois voltei a dar aulas em Inhambane, onde sofri perseguição política, cheguei a Maputo em 1981, trabalhei como desenhador e pintor artístico por conta própria. (...) Em 1989 voltei a Inhambane onde trabalhei como pescador depois vim para Maputo a convite da minha filha após ter perdido a visão” (Tigo, 73 anos de idade, morador do lar a 6 anos, conversa informal, 07.06.2017).

A explicação de Tigo permite compreender que ele nasceu na Beira e vivia com os seus pais e irmãos. Trabalhou na educação e nas minas na África do Sul, e voltou a Inhambane onde trabalhou como pescador, mas depois veio a Maputo a convite da filha após ele perder a visão.

Relativamente a conversa este participante referiu o seguinte:

“Nasci em Maputo na Manhiça, vivia com minha mãe, ela trabalhava como empregada domestica para poder nos sustentar mas depois teve que deixar de trabalhar. Para o nosso sustento cortava frutos silvestres para vender porque a minha mãe já não trabalhava. Minha mãe adoeceu e perdeu a vida” (Armando, 64 anos de idade, morador do lar a 3 anos, conversa informal, 07.06.2017).

A explicação de Armando permite compreender que ele nasceu na Manhiça e vivia com a mãe que trabalhava como empregada doméstica, mais tarde deixou de trabalhar e passou a cortar frutos silvestres para o sustento, tempo depois a mãe adoeceu e perdeu a vida.

Dialogando com a participante Tina, tomei conhecimento do abaixo apresentado:

“Nasci em Gaza Bilene Macia, onde vivia com os meus pais, quando os meus pais faleceram casei e vim a Maputo com meu esposo por causa do emprego dele. Aqui em Maputo vivíamos no Bairro de Maxaquene “B”, com o passar do tempo o meu esposo faleceu e passei a viver com meu sobrinho, filho do meu irmão” (Tina, 77 anos de idade, moradora do lar a 1 ano, conversa informal, 06.06.2017).

Da narrativa da Tina assimila-se que ela nasceu em Bilene Macia e vivia com os pais. Após o falecimento dos pais, casou e veio a Maputo com o esposo. Com o passar do tempo o marido perdeu a vida e passou a viver com o sobrinho.

A partir dos dados analisados nesta secção compreendi que quatro participantes do estudo são naturais da cidade de Maputo e seis são provenientes de fora da cidade de Maputo.

Os naturais de Maputo viviam com seus familiares mas, devido a vários motivos como desabamento da casa, divórcio, expulsão, doença e morte de seus parentes e cônjuges, ficaram sem abrigo e sem condições para o seu auto-sustento e sem ninguém para cuidar deles.

Quanto aos que vieram de fora da cidade de Maputo, cinco viviam com os seus parentes e um vivia numa família de acolhimento. Desses, enquanto alguns vieram directamente a Maputo com os seus familiares e cônjuges outros passaram por vários lugares antes de estabelecerem-se na cidade de Maputo.

5.4. Estratégias de acesso e aceitação nos centros de apoio à velhice

Nesta secção analiso as narrativas dos participantes do estudo, e descrevo as estratégias de acesso e aceitação usadas para a integração da pessoa idosa nos centros de apoio à velhice.

5.4.1. Estratégias de acesso aos centros usadas pelos participantes do estudo

Relativamente a estratégia de acesso, cada participante deu a conhecer o descrito nos trechos abaixo apresentados seguidos da respectiva interpretação.

“Saí de Inharrime para Maputo para viver com meu sobrinho, mas ele separou-se da esposa, vendeu a casa e viajou. Nessa altura morávamos no bairro da Mafalala e procurei pelo responsável do bairro para me ajudar porque já não tinha onde morar. O chefe do quarteirão levou-me até a secretaria do bairro, depois eles encaminharam-me para o centro de apoio. O que me levou ao centro de apoio é o facto de estar a sofrer, porque as pessoas que viviam comigo venderam a casa e senti-me abandonada.” (Rosa, 65 anos de idade, moradora do centro a 2 anos, conversa informal, 26.08.2016).

A explicação da Rosa faz-me entender que ela saiu de Inharrime para viver com o sobrinho em Maputo, tempo depois o sobrinho vendeu a casa, viajou e ela ficou sozinha em Maputo. Chegou ao centro através do chefe do quarteirão e do secretário do bairro, que trataram do processo para a sua entrada no centro.

(...) “Quando meu marido saiu de casa para viver com outra mulher, passado algum tempo comecei a adoecer e a minha casa desabou, nessa altura não conseguia fazer nada, os vizinhos ajudavam a tirar água e davam-me algo para comer. Fui falar com a chefe do quarteirão para me ajudar e ela tratou documentos com o secretário do bairro para a minha ida ao centro” (Constância, 63 anos de idade, moradora do centro a 4 anos, conversa informal, 26.08.2016).

Face ao explicado pela Constância deduzo que dependia do marido antes de sair de casa para viver com outra mulher e com o passar do tempo ela ficou doente e passou a depender do apoio dos vizinhos, nas condições em que estava foi pedir ajuda a chefe do quarteirão que tratou do processo para ela passar a viver no centro.

(...) “Quando comecei a ficar doente os trabalhadores do círculo cuidavam de mim e davam-me algo para comer nos dias em que tivessem algo para dar. O secretário do bairro levou-me para o centro e, quando cheguei aqui não conseguia andar porque os meus pés doíam, por causa do trabalho que eu fazia, era pesado. O centro viu o meu estado de saúde me levou ao hospital onde tive cuidados médicos, e hoje já consigo andar” (Jorge, 63 anos de idade, morador do centro a 4 anos, conversa informal, 26.08.2016).

A explicação do Jorge permite compreender que quando ele começou a adoecer dependia dos cuidados dos trabalhadores do círculo. Depois o secretário do bairro ao ver a gravidade da doença levou-lhe ao centro. Quando chegou ao centro estava com dificuldades para andar e os funcionários do centro levaram-lhe ao hospital.

“O Jorge foi levado ao CAV- Lhanguene por mim, quando a doença dele se agravou. Chegados ao centro, um dos técnicos recusou receber-nos porque fomos directo ao centro sem antes procurar um técnico da acção social no distrito. Por conta disso deixei o idoso no portão do centro, que ficaram a recebe-lo” (Abílio, Secretário do bairro da Malanga, conversa informal, 12.09.2016).

Da explicação de Abílio compreendo que o Jorge foi levado ao centro por ele quando a doença agravou-se e que no centro foram rejeitados, porque antes tinham que apresentar o caso aos serviços distritais da Acção Social e Abílio deixou-o no portão do centro e depois acolheram-no.

(...) “Vagueei pelas ruas a procura de abrigo e algo para comer, durante duas semanas, fui até matsobweni⁶ a procura de algo para comer, encontrei a dona da machamba e disse que precisava de alguém para cuidar da mesma. Aceitei e deu-me um espaço para viver. O tempo foi passando e sentia-me cansada, achei melhor deixar porque era um trabalho pesado para mim. Depois entrei numa casa e pedi água e a dona dessa casa perguntou-me para onde ia, eu disse que estava a sofrer e não tinha onde ir. De seguida levou-me para casa do chefe do quarteirão, o chefe do quarteirão levou-me ao centro porque eu disse que não tinha onde ficar” (Ginoca, moradora do centro a 1 ano, conversa informal, 26.08.2016).

A explicação da Ginoca permite compreender que após ter andado a procura de abrigo e algo para comer, trabalhou numa machamba e tempo depois abandonou o trabalho e saiu a procura de ajuda. Foi levada ao centro de apoio pelo chefe do quarteirão que ela encontrou através de uma senhora desconhecida que lhe ajudou, após ter-lhe dito que não tinha onde viver.

⁶Matsobweni é um termo em ronga que designa machamba

“Deixei de trabalhar e dependia do valor da reforma do meu marido, depois que ele perdeu a vida passei a viver sozinha sofri muito e sem ninguém para apoiar-me, por isso procurei o círculo do bairro e expliquei a minha situação e o responsável do bairro levou-me até aqui e fui recebida por um dos funcionários daqui” (Ana, 89 anos de idade, moradora do centro a 11 anos, conversa informal, 26.08.2016).

Face ao dito pela Ana entendo que ela dependia do valor da reforma do marido e quando o marido perdeu a vida sentiu-se sozinha e procurou o círculo para pedir ajuda e o responsável do bairro levou-a até ao centro.

(...) “Eu era camionista e sofri acidente que afectou o meu braço e as minhas pernas em 2006 e até hoje ando de cadeira de rodas. Quando sofri acidente os meus vizinhos e o chefe do quarteirão é que cuidavam de mim. O chefe do quarteirão por ver o meu sofrimento achou melhor me levar para o centro, também porque os meus filhos nunca mais quiseram saber do velho aqui, depois que a mãe deles perdeu a vida.” (Carlos, 70 anos de idade, morador do centro a 1 ano, conversa informal, 26.08.2016).

A explicação de Carlos permite compreender que após o falecimento da esposa, os filhos saíram de casa. Com o passar do tempo sofreu um acidente que o deixou paralítico no braço esquerdo e nas pernas, assim como ficou sem ninguém para cuidar dele. O chefe do quarteirão levou-o até ao centro de apoio para receber a assistência do pessoal do centro.

“Fui até a casa do Cardeal a pedir ajuda, e lhe expliquei que já não aguentava viver sozinho. A minha esposa faleceu, agora estou cego e não tenho família aqui. Ele fez uma carta para levar ao lar de acolhimento onde fui recebido por uma das irmãs que trabalha aqui e estou aqui até hoje” (Chico, 56 anos de idade, morador do lar a 11 anos, conversa informal, 07.06.2017).

A explicação de Chico permite compreender que ele passou a viver sozinho após o falecimento da esposa. Ele foi pedir ajuda ao Cardeal, que fez uma carta para ele levar ao lar de idosos para estar num lugar onde pudesse se sentir mais a vontade receber cuidados do lar. Quando chegou ao lar apresentou a carta e foi recebido por uma das irmãs que lá trabalha.

“Quando perdi a visão, uma das minhas filhas convidou-me para viver com ela aqui em Maputo. Depois de um tempo pedi a minha filha para me levar a um centro de apoio, para não dar trabalho a ela e o marido. A minha filha levou-me até aqui no dia 5 de Setembro de 2011 quando lhe falei que queria estar num lugar onde eu pudesse sentir-me mais a vontade, e o melhor sítio que eu podia ficar é num centro de apoio, ela deixou-me no portão do centro e os funcionários do centro receberam-me e até hoje estou aqui” (Tigo, 73 anos de idade, morador do lar a 6 anos, conversa informal, 07.06.2017).

A explicação de Tigo permite compreender que após ter perdido a visão, uma das suas filhas convidou-lhe para vir a Maputo. Passado algum tempo pediu a filha que lhe levasse para um lugar onde pudesse partilhar a vida com os outros para não dar trabalho a filha e o genro. A filha acabou por leva-lo para o lar e deixou-o no portão por temer que lhes mandassem voltar, porque tinha conhecimento de que o centro recebe apenas pessoas sem cuidador ou sem condições.

“Após o falecimento da minha mãe passei a viver com minha sobrinha, filha de tati⁷ Helena por ver que estou a sofrer e ela não tinha condições para cuidar de mim levou-me para aqui. Antes ela foi falar com o responsável do bairro de Maxaquene para ajudar no processo de entrada no centro e ele disponibilizou-se” (Armando, 64 anos de idade, morador do lar a 3 anos, conversa informal, 07.06.2017).

A explicação de Armando permite compreender que após o falecimento da mãe passou a viver com a sobrinha mas, porque a sobrinha estava desprovida de condições para continuar a cuidar dele levou-o para o centro depois de ter falado com o responsável do bairro para ajudar na tramitação do processo de entrada no centro.

“Comecei a vender verduras no mercado de Maxaquene próximo a Escola Unidade. Estou aqui no lar desde o ano passado, por ter sofrido acidente de viação e fui encontrada pela polícia na rua e levada para o hospital e depois para o círculo bairro. Antes de me levarem para o círculo

⁷Tati é um termo em changana que designa irmã mais velha

perguntaram se eu tinha família ou não, eu disse não. O responsável do bairro é que levou-me até aqui” (Tina, 77 anos de idade, moradora do lar a 1 ano, conversa informal, 06.06.2017).

A explicação de Tina permite compreender que vendia verduras no mercado de Maxaquene, depois sofreu acidente de viação e foi encontrada pela polícia na rua e levada ao hospital, depois até ao círculo do bairro. O responsável do bairro é que levou-a para o lar.

Nesta secção compreendi três formas de integração da pessoa idosa aos centros de apoio à velhice. Na primeira forma os idosos, doentes ou com falta de alguém para cuidar deles, procuram ajuda dos responsáveis do bairro que encaminham-nos aos centros a semelhança do que Fernanda et al (2014) e Espitia e Martins (2006) explicam relativamente ao facto de os idosos procurarem os centros quando encontram-se em situação de abandono e que vivem sozinhos, por falta de um cuidador familiar. Na segunda forma os idosos foram encontrados na rua e levados ao CAV pelos responsáveis do bairro ou pela polícia e na terceira forma os idosos são levados ao CAV a seu pedido, pelos próprios filhos.

5.4.2. Estratégias de aceitação da pessoa idosa usadas pelo centro

No tocante as estratégias de aceitação colhi a informação que apresento abaixo consoante a fala de cada participante.

“Várias acções são feitas para saber a razão do idoso estar na situação que é apresentada ao centro, em coordenação com os líderes comunitários e a comunidade, trabalhamos para a possível localização da família, de seguida procuramos ouvir outras versões da história que o mesmo idoso possa ter dado a pessoas mais próximas como vizinhos, chefes dos quarteirões e outras pessoas possíveis de dar um depoimento claro do idoso. Este processo é feito enquanto o idoso está num centro de acolhimento, partindo do princípio que ele precisa voltar ao convívio familiar” (João, funcionário do centro, conversa informal, 18.10.2016).

Considerando o dito percebe-se que os técnicos do centro de apoio à velhice em coordenação com os líderes comunitários e a comunidade tentam localizar a família do idoso e procuram

outras versões da história que ele contou aos vizinhos e chefe do quarteirão. Enquanto isso, o idoso é levado para o centro de acolhimento.

“O centro recebe idosos desamparados, sem família, abandonados, idosos que vivem na rua, mas enquanto isso fazemos diligências para identificar as suas famílias, porque o centro não é para toda vida” (Técnico da acção social, conversa informal, 18.10.2016).

Esta explicação permite compreender que o centro de apoio à velhice recebe idosos sem família, abandonados e idosos que vivem na rua, mas procuram as famílias dos mesmos porque não podem viver no centro por toda vida enquanto tiverem família.

“O chefe do quarteirão em coordenação com a secretaria do bairro encaminham o processo da pessoa idosa ao serviço distrital da acção social, e o serviço distrital encaminha o processo a Direcção do Género, Criança e Acção Social, mas primeiro os técnicos dos serviços distritais dirigem-se até o local onde o idoso vive, para fazer o levantamento histórico do idoso, feito isso encaminham o caso a Direcção para autorizarem o acolhimento do idoso no centro, só assim é que o idoso é aceite no centro” (Directora do CAV, conversa informal, 18.10.2016).

Entende-se que o idoso é aceite nos centros posterior ao levantamento do seu histórico e encaminhado à Direcção do Género, Criança e Acção Social.

Nesta secção compreendi que os técnicos da acção social juntamente com os líderes comunitários localizam as famílias dos idosos, e procuram outras versões que os idosos possam ter contado aos chefes do quarteirão. Os centros recebem idosos abandonados sem família, que vivem na rua e procuram pelos familiares dos mesmos. O idoso é aceite nos centros após fazer-se o seu levantamento histórico. A semelhança de Rodrigues (2008) que refere que o processo de acolhimento inicia com a inscrição do idoso nos serviços da acção social e só é aceite após a avaliação efectuada pela equipa técnica do lar que realiza uma visita domiciliária.

5.5. Convivência dos participantes nos centros de apoio à velhice

Nesta secção analiso as narrativas dos participantes do estudo, e sua convivência nos centros de apoio à velhice.

Relativamente a abordagem sobre a convivência dos participantes recebi informações que melhor são discutidas em seguida:

“É obvio que o funcionário não concorde com algumas atitudes dos outros idosos residentes no centro, daí que o idoso pode até se zangar com o funcionário, como se ele estivesse a tratar lhe mal. Eu vejo os trabalhadores daqui como se eles fossem a minha família, pois o funcionário faz o seu trabalho que é cuidar de nós de forma a sentirmo-nos confortáveis. Aqui encontro a liberdade e converso com os outros” (Ana, 89 anos de idade, moradora do centro a 11 anos, conversa informal, 26.08.2016).

A explicação de Ana permite compreender que ela vê os trabalhadores do centro como se fossem a família dela, porque os funcionários cuidam dela de forma a sentir-se confortável. No centro ela encontra a liberdade e troca experiência com os outros idosos.

“O idoso é bem cuidado no centro, embora é sabido que o lugar do idoso é na família. Mas se a família não quer saber do idoso, ou a família maltrata-o, é dever da acção social levar o idoso para um lugar seguro que possa ser bem cuidado, visto que em casa, por vezes é mandado fazer trabalhos domésticos, é acusado de feitiçaria pelos próprios filhos, e isso é uma violência contra o idoso” (João, funcionário do centro, conversa informal, 18.10.2016).

A explicação de João permite compreender que o lugar do idoso é na família, mas também é dever da acção social cuidar do idoso que é mal tratado pelos seus familiares e é acusado de feitiçaria em alguns casos.

“Eu gosto de viver aqui, fazem-me sentir mais realizado, me sinto bem com todas as pessoas que trabalham aqui e falam comigo de boa maneira. Os idosos e os funcionários são a minha família, para mim que não tenho família” (Chico, 56 anos de idade, morador do lar a 11 anos, conversa informal, 07.06.2017).

Em face do referido pelo Chico depreende-se que gosta de viver no lar pois sente-se mais realizado. Os funcionários do lar são como uma família para ele, que perdeu a família dele.

No dia 18/10/2016 no CAV-Lhanguene acompanhei os idosos na varanda no período das 9 horas às 12 horas, onde estavam sentados a conversar sobre o seu quotidiano no centro, outros no quintal, os outros estavam na sala a ver televisão e os outros estavam na machamba. Tinha também alguns idosos nos quartos deitados por estarem doentes. Quando chegou a hora do almoço os idosos dirigiram-se ao refeitório para fazerem as refeições, os outros idosos que tem dificuldades para andar foram servidos na sala, outros na varanda e nos quartos.

Claramente entende-se que os idosos no seu quotidiano no centro partilham suas experiências através das conversas, actividades diárias criadas pelo centro para o idoso, assim como o auxílio por parte do pessoal do centro.

No dia 07/06/2017 no Lar Nossa Senhora dos Desamparados no período das 11 horas às 16 horas acompanhei os idosos a almoçar, depois do almoço cada grupo de idosos foi sentar-se nos respectivos blocos, onde o bloco de idosos do sexo masculino está do lado do jardim próximo do refeitório e o bloco do sexo feminino está do próximo a lavandaria, outros foram a sala ver televisão, os outros ficaram sentados no corredor e o outro estava sentado no recinto do lar a cozer sapatos e a ouvir rádio, no período das 15:30hmn foram a capela rezar.

Terminada a conversa percebe-se que depois do almoço no lar os idosos, tem um momento de lazer dentro do centro, onde uns vão a missa, outros conversam entre eles e acompanham a televisão e a rádio.

A partir dos dados analisados nesta secção compreendi que a pessoa idosa encontra nos centros de apoio o acolhimento e oportunidade para trocar experiência de vida com os outros idosos, a semelhança do que defendem autores como Gohn (2008) e Camarano e Kanso (2010) que explicam que nos centros os idosos ficam integrados com outros e recebem cuidados. No entanto, as relações construídas entre os idosos e os funcionários dos centros, são diferentes de

acordo com o espaço físico e também delimitadas pelos níveis de dependência dos idosos. Nos centros por mim pesquisados por exemplo tem um espaço físico menor e isso faz com que os participantes estejam mais próximos e estabeleçam laços de amizade uns com os outros com mais facilidade, para além de tratarem-se com se fizessem parte da mesma família.

6. Considerações Finais

No presente estudo, analisei o processo de integração da pessoa idosa residente em dois centros de apoio à velhice, na cidade de Maputo. Da literatura analisada sobre o assunto identifiquei duas abordagens, das quais a primeira refere que a integração da pessoa idosa nos centros de apoio à velhice está relacionada à falta de cuidados familiares e à vulnerabilidade e a segunda refere o processo de integração da pessoa idosa ocorre por escolha daquela sobre com quem viver, partilhar experiências e buscar novas amizades.

Essa literatura permitiu compreender que a pessoa idosa é autónoma na tomada de decisão para a sua integração no centro de apoio, por acreditar que nos centros de apoio à velhice encontra pessoas com quem poderá partilhar suas experiências e vivências mais a vontade, a pessoa idosa depende de cuidados familiares e que a sua integração nos centros de apoio à velhice depende da decisão dos seus familiares. Entretanto, a literatura perde de vista outras estratégias de integração nos centros de apoio à velhice.

Diante das referidas limitações apresentadas pela literatura, realizei uma pesquisa etnográfica com um grupo de pessoas idosas residentes no CAV-Lhanguene e no Lar Nossa Senhora dos Desamparados na cidade de Maputo, onde explorei as suas experiências.

Os resultados deste estudo permitiram compreender três formas de integração da pessoa idosa ao CAV. Na primeira forma os idosos, doentes ou com falta de alguém para cuidar deles, procuraram ajuda dos responsáveis do bairro que encaminham-nos aos centros. Compreendi ainda que os técnicos dos centros verificam se os idosos reúnem requisitos para serem aceites antes da sua aceitação e que quando integrados, os participantes encontram no centros o acolhimento e oportunidade para trocar experiência de vida com os outros idosos a semelhança do que defendem autores como Gohn (2008) e Camarano e Kanso (2010) que explicam que nos centros os idosos ficam integrados com outros e recebem cuidados.

A partir desses resultados percebi que de acordo com as regras em vigor nas instituições visitadas, as mesmas só recebem pessoas idosas em situação de vulnerabilidade e desprovidas de cuidados familiares. Alguns idosos por terem a pré-noção dessa informação, chegaram ao centro

em busca de integração alegam maus tratos pelas suas famílias, abandono e falta de condições de sobrevivência para que sejam aceites pelo centro, mesmo quando essa informação seja falsa. Outros porém são aceites por caberem nos requisitos exigidos pelo centro para a sua integração.

O presente estudo é de carácter exploratório, e abre linhas que carecem de aprofundamento em pesquisas futuras.

Referências

Aceitação *in*: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. [consultado em 05-10-2017]. Disponível na Internet: <https://www.priberam.pt/dicionários/língua-portuguesa/aceitação>

Acesso *in*: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. [consultado em 05-10-2017]. Disponível na Internet: <https://www.priberam.pt/dicionários/língua-portuguesa/acesso>

Araújo, Ludgleydson, Coutinho, Maria, e Santos, Maria. 2006. “O idoso nas instituições gerontológicas: um estudo na perspectiva das representações sociais”. *Psicologia e Sociedade*. Vol. 18, n.º. 2, pp 89-98.

Bessa, Maria e Silva, Maria. 2008. “Motivações para o ingresso dos idosos em instituições de longa permanência e processos adaptativos: *um estudo de caso Texto contexto – enfermagem*”. Vol. 17, n.º. 2, pp. 258-265.

Boletim da República de Moçambique: Política para a Pessoa Idosa e Estratégia da sua Implementação 2006.

Camarano, Ana Amélia e Kanso, Solange. 2010. “As instituições de longa permanência para idosos no Brasil”. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Vol. 27, n.º. 1, pp. 232-235.

Espitia, Alexandra e Martins Josiane. 2006. “Relações afectivas entre idosos institucionalizados e família”: *Encontros e desencontros. Arquivos Catarinenses de Medicina*. Vol. 35, n.º. 1, pp 52-59.

Fernanda, Pretti. Luciana, Orui e Sérgio Márcio, Pacheco. 2014. “Serviços de atenção ao idoso e estratégias de cuidados domiciliares e institucionais”. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*. Vol. 17, n.º. 4. Pp 911-926.

Gohn, Maria. 2008. “Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro sector”. 4ª ed. São Paulo. Cortez.

Herédia, Vânia., Casara, Miriam., Cortelleti, Ivone., Ramalho, Maria., Sassi, Alexandra e Borges, Milton. 2004. “A realidade do idoso institucionalizado”. Textos envelhecimento.

Integração *in*: Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. [consultado em 2017-07-10]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/integração>

Martins, Josiane., Schier, Jordelina., Lorenzini Erdmann., de Albuquerque, Gelson. 2007. “Políticas públicas de atenção à saúde dos idosos: reflexão acerca da capacitação dos profissionais da saúde para o cuidado com o idoso”. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Vol. 10, n°. 3, pp 371-382.

Perlini, Nara., Leite, Marinês e Furini, Ana. 2007. “Em busca de nova instituição para a pessoa idosa morar: motivos apontados por familiares”. *Revista Escolar de Enfermagem*. Vol.41, n°.2, pp 229-236.

Pessoa idosa *in*: portal de extensão 2009. [consultado em 2017-10-05]. Disponível na Internet: <http://portaldeextensão.wikidot.com/pessoa-idosa>.

Salgueiro, Hugo e Lopes, Manuel. 2010. “A dinâmica da família que coabita e cuida de um idoso dependente”. *Gaúcha Enfermagem*. Pp 26-32.

Tomasini, Sérgio e Alves, Simone. 2007. “Envelhecimento bem-sucedido e o ambiente das instituições de longa permanência”. RBCEH. Pp 88- 102.

Uchôa, Elisabeth. 2003. “Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso”. *Cadernos de saúde pública*. n°.19, pp 849 -853.

Wichmann, Francisca., Couto, Analie., Areosa, Sílvia e Montanes, Maria. 2013. “Grupos de convivência como suporte ao idoso na melhoria da saúde”. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*. Vol. 16, n°. 4, pp 821-832.

World Health Organization. 2002. “Active Ageing- A Policy Framework”. *A contribution of the World Health Organization to the Second United Nations World Assembly on Ageing*. Madri.